

Senhores Vereadores

Original anexo ao	
Proc n.º	248/02
Em	30 / 10 / 02 <i>Am</i>

A Sra. Dilma Taipina Pedro nasceu no dia 16 de maio de 1931 e faleceu no dia 21 de maio de 1983.

Aos 2 anos de idade era órfã de pai e mãe, tendo sido criada até os 8 anos de idade pela avó, quando então a menina, com essa idade, foi uma vez mais vítima do destino, porque a avó também faleceu.

A partir de então, Dona Dilma foi separada de suas duas irmãs, pois cada uma delas foi morar com seus respectivos padrinhos.

Dona Dilma tornou-se uma bela jovem e conheceu o jovem Antônio Pedro. Passaram a namorar e logo se casaram.

Moradora de Santos, transferiu-se para São Vicente e o destino a levou a fixar residência em Samaritá.

Aquele pequeno núcleo era, então, apenas uma vila de ferroviários que não contava com nenhum tipo de recursos. Só havia o trem puxado por uma locomotiva a vapor apelidada de Maria Fumaça. Ao invés de ruas, aquele lugarejo só contava com caminhos abertos em meio ao matagal que vicejava por todos os lados. Cobras invadiam as casas humildes e faziam rodilhas em cima das camas.

Aos 18 anos de idade Dona Dilma teve seu primeiro bebê, uma menina, e logo ficou grávida novamente. Com apenas 18 anos e praticamente dois filhos, Dona Dilma fornecia pensão a todos os ferroviários. Numa tarde, sua filha adoeceu e Dona Dilma levou-a ao antigo SAMDU, um pronto-socorro que havia na época, e teve que deixar sua sogra em casa. No outro dia, pela manhã, ela perdeu o trem das 7 horas, um dos poucos em circulação, porque um dos maquinistas, sem coração, deixou-a para trás. Poderia ter parado, vendo Dona Dilma acenando grávida, e com uma criança no colo.



Ela tinha que chegar cedo em Samaritá para preparar o almoço para os ferroviários. Então, a pobre senhora, grávida e com o bebê no colo, foi caminhando de São Vicente até Samaritá, atravessando a Ponte dos Barreiros, que estava em péssimo estado, correndo risco de vida, para cumprir com seu compromisso.

Em Samaritá não havia água encanada nem energia elétrica, e Dona Dilma precisava apanhar água em uma bica, usar fogão a lenha e ferro de passar roupa a carvão.

Apesar de todas essas provações impostas pelas precárias condições da vila, Dona Dilma era uma mulher muito caridosa e prestativa para com a comunidade de Samaritá. Sempre que alguém se machucava ou adoecia, corriam para a casa de Dona Dilma, pois ela fazia curativos e aplicava injeções.

Mesmo lutando com dificuldades, ela sempre fazia tudo o que podia para ajudar as pessoas.

Teve assinalada participação na construção da única Igreja Católica de Samaritá, onde passou a dar aulas de Catecismo para as crianças e empenhou-se na organização e encenação de peças de teatro com temas bíblicos nas datas consagradas ao calendário cristão, destinadas à comunidade local e apresentadas na própria Igreja.

Os moradores de Samaritá sabiam que em tudo o que necessitavam podiam contar com Dona Dilma, pois ela sempre estava pronta para ajudá-los no que quer que fosse.

Humilde e batalhadora, ela reunia em si tantas virtudes que seria até mesmo exaustivo enumerá-las.

Ela foi, em resumo, uma pioneira do bairro e em meio a inúmeras dificuldades criou seus cinco filhos: Sérgio, Selma, Sílvia, Sara e Saulo que, a exemplo de todos os que a conheceram, consideram-na uma verdadeira heroína.

Em homenagem à memória dessa inesquecível líder comunitária,

Submeto à apreciação do E. Plenário o seguinte:

PROJETO DE LEI N.º 154 /02

DOCUMENTO N.º 1659/02

Denomina **Dilma Taipina Pedro**
a Rua 25 - Mecanizada 1118, na
Vila Samaritá.

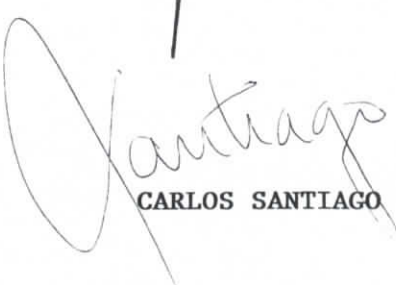
Art. 1.º - Fica denominada Dilma Taipina Pedro a Rua 25 - Mecanizada 1118, com início na Rua Jequié - Mecanizada 1142 e término na confluência da Praça Símbolo Mecanizada 1117 com a Rua Projetada Mecanizada 1116, na Vila Samaritá.

Art. 2.º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

SALA MARTIM AFONSO DE SOUSA,

Em 29 de outubro de 2002.


LUCIANO BATISTA


CARLOS SANTIAGO